

ARTÍCULOS

ASSOCIATIVISMO, RESISTÊNCIA E CULTURA: BOLIVIANOS EM SÃO PAULO / BRASIL.

Camila Collpy G. Fernandez
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
cacollpy@hotmail.com

Maria Izilda S. Matos
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
mismatos@pucsp.br

Resumo: Estes escritos se propõem discutir sobre as práticas associativas e culturais vinculadas aos bolivianos estabelecidos na cidade de São Paulo/Brasil. Cientes de que as práticas associativas se constituem em experiências de lutas e resistências, se recupera os projetos associativos e as ações culturais nos grupos folclóricos, práticas que criam estratégias de articulação interna, ajudando a enfrentar barreiras na sociedade de acolhimento e questionar os estigmas enraizados. Dessa forma, a pesquisa priorizou a metodologia da história oral, questionando-se sobre os grupos/redes que viabilizaram a circulação de informações, facilitando o acolhimento, as possibilidades de trabalho e melhor integração.

Palavras-chave: Bolivianos, trabalho cotidiano, resistência, práticas associativas.

Título: ASOCIACIONISMO, RESISTENCIA Y CULTURA: BOLIVIANOS EN SÃO PAULO / BRASIL.

Resumen: Este texto se propone discutir las prácticas asociativas y culturales vinculadas a los inmigrantes bolivianos establecidos en la ciudad de São Paulo (Brasil). Conscientes de que las prácticas asociativas se constituyen a partir de las experiencias de luchas y resistencias cotidianas, se recuperan los proyectos asociativos y las acciones culturales en grupos folclóricos, prácticas que crean estrategias de articulación interna, y que ayudan a enfrentar las barreras en la sociedad de acogida y a cuestionar los estigmas arraigados. De este modo, la investigación priorizó la metodología de la historia oral, debatiendo acerca de los grupos/redes que hicieron posible la circulación de la información, facilitando la acogida, las posibilidades de trabajo y una mejor integración.

Palabras clave: Bolivianos, trabajo cotidiano, resistencia, prácticas asociativas.

Title: ASSOCIATIVISM, RESISTANCE AND CULTURE: BOLIVIANS IN SÃO PAULO / BRAZIL.

Abstract: These writings propose to discuss the associated associative and cultural practices related to Bolivians established in the city of São Paulo / Brazil. Aware that associative practices constitute experiences of struggles and resistance, we discuss associative projects and cultural actions in folk groups, practices that create strategies for internal articulation, helping to overcome barriers in the

Recibido: 27-04-2021
Aceptado: 04-05-2021

Cómo citar este artículo: FERNANDEZ, Camila Collpy G. y MATOS, Maria Izilda S. Associativismo, resistência e cultura: bolivianos em São Paulo / Brasil. *Naveg@mérica. Revista electrónica editada por la Asociación Española de Americanistas* [en línea]. 2021, n. 27. Disponible en: <<http://revistas.um.es/navegamerica>>. [Consulta: Fecha de consulta]. ISSN 1989-211X.

host society and questioning the settled stigmata. Thus, the research prioritized the methodology of oral history, questioning the groups / networks that enabled the circulation of information, facilitating the reception, the possibilities of work and better integration.

Keywords: Bolivians, daily job, resistance, associative practices.

1. Deslocamentos: condições e possibilidades

Do ponto de vista geográfico, a Bolívia está situada na América do Sul, possui 1.098.580 Km² divididos em três regiões distintas: o Altiplano ou Região Andina no Sudoeste (que concentra 16% do território) onde estão localizadas as cidades de La Paz (sede do governo), Potosí e Oruro; os Vales ou Região Subandina no Centro-Sul (cerca de 14% do território e 30% da população), onde estão localizadas as regiões de Cochabamba, Chuquisaca, Tarija e os Yungas. A terceira região, os Llanos, no noroeste do país, é a maior e estende-se desde os contrafortes dos Andes até ao rio Paraguai (Santa Cruz e Beni são as suas principais cidades).

Administrativamente, a Bolívia está organizada em 9 departamentos: La Paz, Oruro, Potosí, Cochabamba, Chuquisaca (Sucre), Tarija, Santa Cruz, Beni (Trindade) e Pando (Cobija). A capital localiza-se em Sucre e a sede do governo em La Paz. As cidades de La Paz, Cochabamba e Santa Cruz são os pontos de onde mais se emigra e também são as que mais recebem migrantes das regiões rurais da Bolívia¹.

A Bolívia é um país multiétnico, identificando-se 38 povos, sendo os mais importantes os quéchuas (38%) e os aimarás (25%). No território se fala cerca de 26 línguas que se subdividem em 127 dialetos, destes apenas dois são reconhecidos como idiomas oficiais, além do espanhol, o quéchua e o aimará².

No processo histórico da Bolívia, a instabilidade econômica e política, mencionada pelos depoentes no presente estudo, é uma característica de longa duração. Após a independência, o país passou por diversos conflitos internos (entre 1880 e 1920, as tensões políticas geraram mudanças contínuas, com a sucessão de conservadores e liberais no poder) e com os países vizinhos (Guerra do Pacífico entre 1879 y 1884, perda do território do Acre para o Brasil em 1903, Guerra do Chaco em 1932) o que acarretou perda de vidas, pobreza e aumentos de impostos. Economicamente, observa-se a expansão do setor da mineração, sustentado pela elevação na arrecadação de impostos, juntamente, com os investimentos estrangeiros³. Apesar do declínio da mineração da prata a exploração do estanho se manteve até 1930. Acordos realizados com Brasil (Tratado de Petrópolis de 1903) e Chile (Tratado de Paz de 1904) propiciaram a expansão da malha ferroviária que conectou as principais cidades bolivianas.

Até a metade do século XX a Bolívia foi atingida por uma sucessão de golpes militares. Em 1952 iniciou-se a denominada Revolução Camponesa articulada pelo

¹ SILVA, Sidney Antonio da. Bolivianos. *A presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Lazuli, 2005.

² SILVA, Sidney Antonio da. Bolivianos. *A presença...* Op. cit., p. 8.

³ *Ibíd.*

Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), tendo como bandeira a luta pela reforma agrária. Nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI, a participação política implicou na inserção sindical e a luta pelos direitos através de movimentos como “A Marcha pela Paz”, organizada pelo Sindicato dos mineiros em 1986; “A Guerra pela Água”, na qual os habitantes de Cochabamba se revoltaram contra o aumento das tarifas da empresa Águas Del Tunari, que resultou na expulsão da empresa transnacional em 2000; o movimento Aimarás do Altiplano, que realizou um cerco a La Paz e bloqueou a entrada de alimentos na capital também em 2000; Levante popular que culminou com a deposição do então presidente Gonzalo Sánchez Lozada em 2003; “Guerra do gás” entre 2004 e 2005; e a eleição de presidente índio Evo Morales Ayma 2005⁴. As revoltas se manifestavam através de movimentos sociais e greves contra os cortes de benefícios sociais, pelo aumento de salários e estabilidade trabalhista. Esse contexto instável de lutas e conflitos que iniciou no novo século fez com alguns buscassem na emigração uma saída. A decisão de partir foi e continua a ser tomada em função da toda uma somatória das condições, como instabilidade política, social e econômica.

O sonho do deslocamento marcou a trajetória histórica do povo boliviano, e envolveu complexas relações culturais e históricas, bem como a heranças pré-colombiana e hispânica devido aos conflitos gerados pelos colonizadores que impuseram modos de vida, de produção, organização social e valores religiosos⁵. A migração é uma prática do povo andino, durante o período do império Inca os nativos já migravam de uma região a outra para produzir alimentos de acordo com as condições climáticas e para construir novas localidades a fim de expandir o império. Na Bolívia viveram culturas que deixaram seus traços presentes na vida cotidiana até hoje, cujas heranças se manifestam nas formas de cultivo, de fabricação de produtos têxteis e técnicas de metalurgia⁶.

Pelos dados do Censo boliviano de 2012, cerca de meio milhão de bolivianos estavam vivendo fora do território e atualmente estima-se que cerca de um terço da população esteja fora do país. Os dados da ONU para 2019 mostram 878.211 emigrantes bolivianos, o que representa 7,63% da população total. Destes, 52,62% são mulheres. A emigração é principalmente para Argentina (48,55% de acordo com as estatísticas da organização), seguida da Espanha, com 17,11%, e dos Estados Unidos, com 10,64%. Os números ligeiramente inferiores são seguidos do Chile (9,2%) e do Brasil, em quinto lugar (5,9%).

⁴ LINERA GARCIA, Álvaro. *A Potência Plebeia: ação coletiva e identidades indígenas, operárias e populares na Bolívia*. São Paulo: Boitempo, 2010

⁵ SILVA, Sidney Antonio da. *Costurando Sonhos: Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos que trabalham no ramo da costura em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1997.

⁶ CAMPOS, Geraldo Adriano Godoy de. *Entre devires e pertencimento: a produção da subjetividade entre imigrantes bolivianos em São Paulo* [mestrado]. São Paulo: PUC-SP, 2009; XAVIER, Iara Rolnik. *Projeto migratório e espaço: os migrantes bolivianos na região metropolitana de São Paulo* [mestrado]. Campinas, SP: Unicamp, 2010. As principais culturas nativas identificadas são: Chavín, Tiahuanaco, Aymaras e Incas. Portanto os fluxos migratórios se apresentam tanto internamente (êxodo rural) quanto em direção ao exterior. PAIAO, Letícia de Andrade Vilela Fonseca. *Mulheres Imigrantes: articulação política e desejo- um estudo psicanalítico em torno da imigração* [mestrado]. São Paulo: PUC-SP 2009, p. 18; KLEIN, Herbert S. *Bolívia do Período pré-incaico à independência*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

São Paulo é o lar da maior população de bolivianos no Brasil. Os imigrantes saíram de seu país de origem com certa facilidade, antes de partirem já tinham experimentado deslocamentos internos de áreas rurais para centros urbanos⁷. Neste processo, a cidade de El Alto, localizada na região metropolitana de La Paz, destaca-se como o polo receptor de migrantes provenientes do interior. La Paz e região, também são as principais localidades emissoras do fluxo de trabalhadores, calcula-se que em três de cada dez lares da área metropolitana uma pessoa migrou para trabalhar em São Paulo, processo que se intensificou, a partir de 1985. As relações entre Bolívia e o Brasil desde a segunda metade do século XX levaram à deslocação activa de um país para o outro. Assim, em 1958, um convênio bilateral foi firmado, fazendo parte de um conjunto de acordos entre Brasil-Bolívia denominado Ata de Roboré, visando resolver questões em torno da exploração de petróleo, pendências na demarcação de limites, desenvolvimento de transporte ferroviário, comércio e intercâmbio cultural, entre outras medidas. Desde o início da década de 1950, foram estabelecidos projetos de cooperação científica Brasil-Bolívia, já na década de 1960 cresceram os intercâmbios comerciais nas áreas fronteiriças⁸.

As instabilidades apresentadas desde a independência boliviana somadas as diferenças sociais motivaram e motivam na atualidade a população boliviana a migrar. Nos anos 1950, acordos bilaterais entre o Brasil e a Bolívia abriram possibilidades a estudantes (medicina, direito e outras áreas) de concluir seus cursos no Brasil, muitos destes acabaram ficando⁹. Estes fixados formaram as primeiras agremiações, ancorando a recepção e o acolhimento de novos emigrantes.

2. Deslocamentos: a busca pelo sonho

De acordo com os registros de entradas de imigrantes bolivianos no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, o fluxo era pouco expressivo, sendo intensificado a partir de 1970 (10.712 bolivianos residentes), já em 1980 eram 12.980, elevando-se para 15.691, em 1990 e 20.398, em 2000¹⁰.

Na década de 1980, São Paulo apresentava 1.360 bolivianos e em 2000 já eram 4.974, estando a maior parte concentrada na área metropolitana (em 82 dos 96 distritos da cidade e em 23 municípios da região metropolitana). As zonas de maior agrupamento era o centro de São Paulo (27,2%) e a zona Norte (26,4%), seguidas por zona Leste (19,6%), com menor presença na zona Sul (9,2%) e Oeste (4,3%)¹¹. Os bolivianos se fixavam em áreas nas quais podiam exercer suas ocupações e se

⁷ SILVA, Sidney Antonio da. Bolivianos. *A presença...* Op. cit., 2005.

⁸ ARROYO JIMÉNEZ, Marcelo (coord.). *La migración internacional: una opción frente a la pobreza. Impacto socioeconómico de las remesas en el área metropolitana de La Paz*. La Paz: PIEB, 2009.

⁹ XAVIER, Iara Rolnik. *Projeto migratório...* Op. cit., pp. 44-45.

¹⁰ CELADE - Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía. *Pueblos indígenas y afrodescendientes de América Latina y el Caribe: información sociodemográfica para políticas y programas* [em linha]. Santiago de Chile, 2006. [Acesso em: 10-09-2011]. Disponível em <<http://www.eclac.org>>.

¹¹ XAVIER, Iara Rolnik. *Projeto migratório...* Op. cit.

estabelecer no mercado de trabalho¹².

Os dados computados pelo governo boliviano, do Brasil e de São Paulo indicam disparidades, apresentando variações numéricas entre 80.000 e 200.000 indivíduos. Sendo uma das dificuldades na coleta de dados precisos as constantes entradas e retornos propiciados pela proximidade entre os países. Como se pode depreender pelos relatos:

“No ano de 1979, vim pela primeira vez ao Brasil, fui tocar no Rio de Janeiro. Fiz uns trabalhos de carpintaria por lá e retornei. Estava desesperado para voltar, peguei meu dinheiro e fui embora. Fiquei cerca de 3 meses”¹³.

“Eu gostava do meu trabalho da oficina, mas pedi pra acertar e fui trabalhar com o outro. Já tava lá a 4 meses. Aí de uma hora pra outra a saudade era grande, da família, da Bolívia, e eu resolvi voltar. Não sabia se ia voltar pro Brasil”¹⁴.

“Eu queria mudar, estava desesperado mesmo. Então era junho, eu pensei se eu não gostar eu volto, fico uns dois meses. Pensei tem oportunidade de ir para Brasil e ou para Argentina, pensei se não gostar, é pertinho”¹⁵.

Os motivos que levaram os deslocamentos são diversos, mas, alguns são frequentemente apontados, como as jornadas de trabalho, as privações, o trabalho informal e sonho de uma vida melhor.

“Nessa época, eu lembro das maiores limitações lá, minha mãe sem formação nenhuma, cuidava de 3 crianças sozinha. Trabalhando no comércio informal, como tantas famílias, lá. Ela tinha uma barraca de frutas, uma vendinha. Então ela acordava 5 horas da manhã para fazer as compras, na feira, como CEAGESP, aí ela arrumava tudo na vendinha, ficava até às 10 da manhã e voltava para fazer almoço pra nós. Depois voltava para barraca e vinha de novo umas cinco, seis horas da tarde, e ficava depois até as 10 da noite. E era assim, nós tínhamos pouco dinheiro, só mesmo pra se alimentar e quem ajudava a cuidar de nós e acabou criando, mesmo, era minha irmã mais velha que tinha uns 13 anos quando meu pai veio para o Brasil”¹⁶.

Para quem se desloca, conseguir um trabalho torna-se condição essencial para se manter no novo país. Contudo, isso nem sempre é fácil, já que existem barreiras que dificultam a inserção do imigrante no mercado de trabalho. No caso dos

¹² BRAGA, Fernando Gomes. *Conexões Territoriais e redes migratórias: uma análise dos novos padrões da migração interna e internacional no Brasil*. Belo Horizonte, MG: UFMG; Cedeplar, 2011.

¹³ Depoimento C.A. L. Boliviano, natural de Yungas, La Paz. Carpinteiro e músico. Veio a primeira vez para o Brasil em 1979, para divulgar a música boliviana e retornou para ficar em 1982. Entrevista cedida em 24/11/2012. A opção por não identificar os depoentes vincula-se a questões de ordem ética, dentro de normas estabelecidas pela metodologia.

¹⁴ Depoimento S.T. Boliviano, natural de Cochabamba, na província rural de Quillacollo, nascido em 1948. Mecânico e aposentado. Veio a primeira vez para passar o Carnaval em São Paulo em 1970. Retornou casou-se na Bolívia e emigrou com a esposa boliviana definitivamente em 1979. Entrevista cedida em 08/11/2012.

¹⁵ Depoimento. F.E.Q.R. Boliviano, descendente de quéchuas. Emigrou para o Brasil para estudar e trabalhar. Hoje é estudante universitário. Entrevista cedida em 12/05/2012.

¹⁶ Depoente V. Q. Y. Boliviana, engajada em projetos sociais. Emigrou aos 8 anos de idade com a mãe para auxiliar os pais na oficina de costura da família. Entrevista cedida em 20/06/2013.

bolivianos, o trabalho nas oficinas de costura, mesmo que por pouco tempo, foi a alternativa. Em relatos se mencionava as tentativas infrutíferas de buscar emprego em bares na área central, a indicação era de procurar por seus conterrâneos no Pari, tendo como possibilidade o emprego na costura. O idioma, os costumes diferentes, a discriminação e a imagem negativa relacionada ao narcotráfico foram elementos que prejudicaram (ainda prejudicam) a inserção dos bolivianos no mercado de trabalho em esferas diferente da costura, estando esses associados a este setor¹⁷.

No contato com os conterrâneos, na busca por ajuda o imigrante pode encontrar solidariedade, mas, também se depara com situações de promessas falsas e exploração. Promessas também veiculadas por agenciadores, em rádio e jornais, nas cidades La Paz e Santa Cruz¹⁸. Como se observa nos relatos de experiências vivenciadas no cotidiano das oficinas de costura, onde os imigrantes tinham seus documentos presos, enfrentavam jornadas de trabalho exaustivo, fome e maus tratos.

“Eles ficavam com os documentos das pessoas, com os meus documentos, mas eles diziam que eu tinha dívida, e para segurança, eles diziam que tinham que ficar com os documentos [...] acordava e costurava até de noite. Eu não tava entendendo. Eu nunca tinha costurado, eu jamais ia pensar, nunca na minha vida, lá a costura está ligada a mulher eu jamais tinha pensado em costurar. Confecção é muito diferente” (F.E.Q.R., 2012).

Estabeleciam-se relações de dependência entre o “oficinista” e o costureiro/a, pois, em alguns casos, o empregador financiava a viagem, além de proporcionar estadia e alimentação. Assim, eles chegavam endividados e dependentes¹⁹. A maioria dos trabalhadores encontra-se subordinada a um sistema de superexploração regido por uma cadeia de subcontratação de oficinas de costura. Nas oficinas se trabalha sob ritmo e controle altamente hierarquizados, sistema *just-in-time*, gestado pelo contratante, que inclui controles de qualidade na forma de vistorias. Somente os/as costureiros/as mais habilidosos/as conseguem produzir e ter um ganho melhor.

Ao sair da oficina o imigrante se depara novamente com o desconhecido, como um recém-chegado, cheio de inseguranças, sem saber para onde ir, o que fazer e onde ficar. Assim, a rede de conterrâneos passa a ter papel fundamental na abertura de alternativas. Nos relatos pode-se observar as dificuldades vivenciadas nos primeiros anos. Os sonhos de estudar, enviar dinheiro para a família e se relacionar com outras pessoas eram adiados, crescendo o sentimento de estar deslocado, não se reconhecer e não ser reconhecido. Frente a essa situação, as questões de

¹⁷ SOUCHAUD, Sylvain. A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo. In: BAENINGER, Rosana (org.). *Imigração Boliviana no Brasil* Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo; Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

¹⁸ SILVA, Sidney Antonio da. Bolivianos. *A presença...* Op. cit., 2005.

¹⁹ Uma reportagem do programa "Acontece na Band" sobre a imigração ilegal em São Paulo, apresentada em palestra na Associação dos Advogados Trabalhistas de São Paulo, em 08/02/2008, um boliviano relatou que recebia de R\$ 0,30 a R\$ 1,00 pela costura de uma peça de roupa, que era vendida por R\$ 59,00. [Acesso em: 14-05-2012]. Disponível em <<https://www.youtube.com/user/AATSP>>.

pertencimento e identidade levam a uma busca de aproximação com os conterrâneos nas igrejas, associações e grupos folclóricos. Busca-se apoio necessário para enfrentar as adversidades na cidade, os estranhamentos de códigos e saberes ainda desconhecidos, as ações de hostilidade, segregação e isolamento, as difíceis condições financeiras e de sobrevivência no novo meio.

As redes proporcionam certa segurança emocional, particularmente, quando envolviam vínculos familiares: “Ah! Depois de mim, veio irmãos, sobrinhos, veio muitos” (S.T., 2012). Sua esposa também complementou dizendo que após vir para o Brasil, dois irmãos, que haviam migrado para Argentina, vieram visitá-la e acabaram ficando. No mesmo sentido, outro depoente destaca que “quando alguém briga, é destruído, perde emprego ou quer se reconciliar e até pedir conselho, é aqui em casa que vem. Minha mãe e meu pai são o elo da nossa família”²⁰.

3. Deslocamentos: práticas associativas e acolhimento

“Sim quando eu estava mais o menos estável, Ah! Aí eu conheci um monte, na associação dos bolivianos, tenho um monte de amigos” (S.T., 2012). Com a melhoria das condições que se desenha para alguns, busca-se uma reaproximação com as origens, tendo como um dos canais as associações voltadas para comunidade migrante. Dentre as associações mencionadas nos relatos destacaram-se o Centro de Apoio ao Migrante (CAMI), o Projeto Si Yo Puedo da Praça Kantuta e a Pastoral do Imigrante, ambos voltados para o atendimento e acolhimento de migrantes e imigrantes.

O CAMI iniciou suas atividades em 2005, visando o atendimento aos latino-americanos, num acordo entre o Brasil e a Bolívia propiciou o início dos trabalhos²¹. O sua proposta principal é auxiliar na inserção do imigrante e para este fim oferece aulas de português, informações para a regularização migratória e auxílio em questões trabalhistas e violência doméstica. Possui convênios com o Comitê para Democratização da Informática (CDI) para aulas de informática e português²².

A interlocução com os imigrantes é facilitada por agentes sociais bolivianos, que identificam os imigrantes que se transferem para as periferias. Buscam atuar na luta contra o trabalho em condições análogas ao de escravo.

[...] estes vão até as oficinas conversar com proprietários e funcionários, verificam as condições de trabalho e moradia. Verificam as instalações, a legalidade dos contratos e percebem as necessidades dos imigrantes. Deixam contatos para conversas posteriores. Informam sobre o Centro de apoio, sobre a rádio a voz do migrante e sobre o Jornal Nosotros. Percebe-se um número maior de homens do

²⁰ Depoimento A.T, filho de pais bolivianos, nascido no Brasil. Solteiro, 31 anos. Ex-bailarino do grupo folclórico Sociedad Folclórica Boliviana. Formado em Sistemas de Informação. Entrevista cedida em 08/11/2012.

²¹ CAMI – Centro de apoio ao migrante, localizado a Rua Guaporé, 353 – Ponte Pequena. Disponível em <secretaria@cami-spm.org>.

M.N - Entrevista realizada com a advogada do CAMI em 04/03/2013. Trabalha com atendimento e apoio jurídico aos imigrantes.

²² Comitê para Democratização da Informática (CDI): ONG com cursos de informática que objetiva dar oportunidades para as pessoas de baixa renda. Disponível em <<https://recode.org.br/>>.

que de mulheres nas oficinas e nos atendimentos” (M.N., 2013).

Observa-se a participação em fóruns sobre a temática das migrações, além do trabalho de divulgação junto ao consulado a relevância de parcerias com outras redes de apoio.

“Trabalhamos conjuntamente com o Centro de Estudos Migratórios (CEM)²³, Comissão Estadual para Erradicação do Trabalho Escravo (COETRAE)²⁴, [...] e o Ministério do trabalho. Também realizamos uma parceria com ONGs uma delas em Guarulhos, com o Centro de Referência de Assistência social (CRAS)²⁵ e com as Unidades Básicas de Saúde” (M.N., 2013).

A rede de contatos do Centro de Apoio ao Migrante (CAMI) se formou a partir da participação em comitês, como o de Enfrentamento ao tráfico, dos Agentes do Ministério do Trabalho, ONGs, Pastoral, Associações de saúde e Albergues.

“Agora estamos ampliando a rede com associações que cuidam de imigrantes de Angola, Equador, porque nós somos um lugar para atender imigrantes e não só para latinos. Temos materiais em todos esses locais e temos deles também para fazer a divulgação dos serviços e apoio prestado” (M.N., 2013).

Um diferencial do trabalho do CAMI é a preocupação em estabelecer um processo de aproximação entre os estrangeiros e o Centro de Apoio, para tal utilizam de questionários como ferramentas de comunicação, neste o imigrante aponta seus

²³ “O Centro de Estudos Migratórios (CEM) surgiu em 1969. Pertence a Congregação dos Missionários de São Carlos/Escalabrinianos, cuja finalidade é atuar junto aos migrantes. Integra a Federação dos Centros de Estudos Migratórios João Batista Scalabrini, que congrega os demais Centros de Estudos da Congregação, presentes em vários países (São Paulo, Nova York, Paris, Roma, Buenos Aires, Manila). Conta com uma biblioteca especializada em migrações e desde 1988 publica TRAVESSIA - Revista do Migrante”. [Acesso em: 17-04-2015]. Disponível em <<http://diversitas.fflch.usp.br/cem>>.

²⁴ “O Decreto nº 57.368, de 2011, instituiu junto à Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, a Comissão Estadual para Erradicação do Trabalho Escravo - COETRAE/SP, que tem como objetivos: I - avaliar e acompanhar as ações, os programas, projetos e planos relacionados à prevenção e ao enfrentamento ao trabalho escravo no Estado de São Paulo, II - elaborar e acompanhar o cumprimento das ações constantes do Plano Estadual para a Erradicação do Trabalho Escravo, propondo as adaptações que se fizerem necessárias; III - acompanhar a tramitação de projetos de lei relacionados com a prevenção e o enfrentamento ao trabalho escravo; IV - apoiar a criação de comitês ou comissões assemelhadas nas esferas regional e municipal para monitoramento e avaliação das ações locais; V - manter contato com setores de organismos internacionais, no âmbito do Sistema Interamericano e da Organizações das Nações Unidas, que tenham atuação no enfrentamento ao trabalho escravo, dentre outros. [Acesso em: 17-04-2015]. Disponível em <<http://www.justica.sp.gov.br/portal/site/SJDC/menuitem.7e46e7e22f62a4d7d30d0cf6390f8ca0/?vgnnextoid=a7d80195a1d70410VgnVCM10000093f0c80aRCRD&vgnnextfmt=default>>.

²⁵ CRAS – Centro de Referência de Assistência social “é uma unidade pública estatal descentralizada da Política Nacional de Assistência Social (PNAS). [...] atua como a principal porta de entrada do Sistema Único de Assistência Social (Suas), dada sua capilaridade nos territórios e é responsável pela organização e oferta de serviços da Proteção Social Básica nas áreas de vulnerabilidade e risco social. O principal serviço ofertado é o de Proteção e Atendimento Integral à Família (Paif), cuja execução é obrigatória e exclusiva. Este consiste em um trabalho de caráter continuado que visa fortalecer a função protetiva das famílias, prevenindo a ruptura de vínculos, promovendo o acesso e usufruto de direitos e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida”. [Acesso em: 17-04-2015]. Disponível em <<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaobasica/cras>>.

interesses e dificuldades, assim, o material pode ser produzido de acordo com a demanda. O trabalho é realizado nas organizações de bairros e igrejas.

“É... e aí a gente faz aos finais de semana, esse ano ainda não começou, mas o semestre passado foi assim. Todo final de semana com oficinas informativas. De temas como regularização de situação imigratória, regularização de pessoa jurídica, segunda via de documentos, via definitiva de documentos. E para isso eles precisam comprovar meios de subsistência, abrir uma empresa. Então eles usam o manual, que acaba sendo um guia para essas oficinas e palestras, porque aí tem como se regularizar, como se manter no Brasil... Enfim, fala também sobre cidadania, arte. Tudo isso a partir da vontade do entrevistado, porque os cursos são montados de acordo com o que eles têm de dúvida” (M.N., 2013).

Com o aumento da divulgação dentro das comunidades, a participação dos imigrantes nas oficinas tem aumentado gradativamente. Alguns relatos mencionaram a busca por ajuda financeira para se estabelecer no Brasil ou mesmo para retornar a Bolívia. “Fui, até a associação, mas é aquela coisa, eles te ajudam orientando, mas eles não dão ajuda financeira, ou trabalho. Hoje não sei, mas na época eles orientavam só isso” (F.E.Q.R., 2012). Sobre esse fato a representante do Centro de Apoio comenta:

“É difícil, a gente direciona para o consulado e vê o que pode fazer, nós não temos verba pra isso. É uma ação pública que vai ajudá-lo. Mesmo para se regularizar, ele que deve conseguir o dinheiro, nós não temos como. As taxas somam em torno de 200 reais, se tiver 5 pessoas na família, eles muitas vezes não têm como pagar” (M.N: 2013).

Além do trabalho realizado nas oficinas, o Centro de Apoio executava em média 40 atendimentos diários sobre as mais variadas questões, incluindo assuntos de relacionamento com a vizinhança, reclamações de maus tratos em serviços públicos (escolas e departamentos de polícia) e solicitações de ordem trabalhista. Os bolivianos que efetuavam reclamações de ordem trabalhista, em geral, o faziam quando deixavam de receber pela produção entregue.

“[...] eles só reclamam algum direito quando deixam de pagar. Aí sim eles falam em muito trabalho, exploração e reclamam da falta de pagamento. Mas trabalho escravo, não, aqui eu nunca ouvi essa palavra. Eu ouvi uma vez de uma pessoa do Ministério Público, mas, dos imigrantes não. Eles vêm reclamando por dívidas pequenas, mil reais, 500 reais. Tem pessoas que falam que o patrão fala que o Brasil é muito perigoso, deixa que eu guardo seu dinheiro e depois não devolve. Ao invés de pagar dão vales, R\$ 50 reais por final de semana. E aí eles nunca sabem quanto tem para receber, os valores que o patrão apresenta não batem e aí vem reclamar porque se sentem lesados” (M.N., 2013).

As instituições religiosas que acolhem e orientam também foram referendadas nos depoimentos, dentre elas a sede da Pastoral do Imigrante, na Igreja Nossa Senhora da Paz²⁶. Todos os depoentes em algum momento visitaram a igreja, participaram de missas, cultos e festas, ou de trabalhos voluntários para acolher

²⁶ Localizada na Rua do Glicério, 225 – Liberdade. Disponível em <<http://www.misaonspaz.org>>. – Fone: 3340-6950.

seus conterrâneos.

“Acho importante para manter a cultura. A igreja tem bastante força com a comunidade. Todo último domingo do mês tem o culto em espanhol. Outros Peruanos, Paraguaio também frequentam as missas. Não são só bolivianos”²⁷.

Nestas ocasiões, depois do ato litúrgico, é oferecido o almoço com comidas típicas e seguido de apresentações de dança dos países participantes, dando-se destaque ao grupo que foi escolhido para organizar o evento.

“Eu ajudei outras pessoas, fui tocar nas associações de imigrantes de graça, para arrecadar dinheiro para ajudar. Lá no Glicério. O trabalho das associações é importante, dão orientação, ajudam a arrumar trabalho. Orientam com a documentação, dão apoio mesmo” (C.A.L., 2012).

A Pastoral dos Imigrantes Latino-americanos, na Igreja Nossa Senhora da Paz de São Paulo, iniciou seus trabalhos na década de 1970, encabeçada pelos missionários escalabrianos. Inicialmente, atendia exilados políticos do Cone Sul (chilenos, uruguaios e argentinos), atualmente, acolhe/atende paraguaio, boliviano, colombiano, peruano, incluindo africanos e haitianos, entre outros²⁸.

Além dos serviços religiosos, a Pastoral oferece gratuitamente orientação jurídica e psicológica. Também disponibiliza seus espaços para manifestações culturais e religiosas, como as festas de Nossa Sra. do Carmo (chilenos em julho); de Nossa Sra. de Copacabana e Urkupiña (bolivianos em agosto), Santa Rosa de Lima e Senhor dos Milagres (peruanos entre agosto e outubro) e Nossa Sra. de Caacupê (peruanos em dezembro). Esses encontros propiciam uma maior integração entre os imigrantes e os demais frequentadores da igreja e possibilita a organização de outros eventos, como as novenas que ocorrem periodicamente nas residências dos participantes.

“Eu participo das festas, por exemplo a de Nossa Senhora de Copacabana que é em agosto, que tem que fazer novenas. Começa em novembro e vai até agosto. Recebo a santa da Igreja da Paz vem o padre fazer a missa aqui. E as vezes até alugo um salãozinho” (F.T., 2012).

²⁷ Depoimento de F. T. Boliviana, dona de casa. Emigrou após o casamento em 1979. Formada professora na Bolívia, natural de Quillacollo. No Brasil foi proprietária de restaurante. Membro atuante na comunidade associativa. Entrevista cedida em 08/11/2012.

²⁸ A Pastoral do Imigrante surgiu de uma preocupação da Igreja Católica com a mobilidade humana e foi expressa no documento *Pastoralis Migratorum Cura*, do Papa Paulo VI, em 1969. Antes desse documento a iniciativa de assistência social e religiosa a migrantes foi do Bispo de Piacenza (Itália) João Batista Scalabrini, que em 1887 fundou uma Congregação de Missionários e Irmãs para acompanhar os imigrantes italianos rumo a América. No Brasil esses grupos estão presentes em várias cidades, como: Caxias, Porto Alegre, Curitiba, Foz do Iguaçu, Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus, Guajará-Mirim, Cuiabá e podem se expandir de acordo com os interesses da igreja e necessidades apresentadas pelas comunidades. SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos. A presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Lazuli, 2005.

Identifica-se na igreja a prática da hospitalidade, da acolhida fraternal e ajuda ao imigrante, buscando aproximá-los da comunidade²⁹. Pode-se considerar o templo como um território de hospitalidade espiritual, com práticas que remetem aos ensinamentos cristãos de amor, acolhimento e respeito ao próximo.

As obras realizadas pelas instituições religiosas sejam católicas ou não, propiciam aos imigrantes acolhimento, estando marcadas por atos caritativos de apoio aos necessitados, de partilhar a comida, recolher e vestir como a Assembleia de Deus, do Bairro do Bom Retiro³⁰, que realiza cultos em espanhol aos sábados e domingos, após as cerimônias oferece almoço comunitário aos participantes³¹.

Esses encontros contribuem para ampliar as redes entre os imigrantes, possibilitando a solidariedade entre os conterrâneos e manter e difundir as tradições culturais. Também auxiliam na criação e manutenção de outras associações, como a Associação dos Residentes Bolivianos (ADRB fundada em 1969, objetiva a promoção cultural, recreativa e social, possui uma publicação mensal e gratuita o jornal *La Puerta del Sol*) e o Círculo Boliviano fundado em 1975 com os mesmos objetivos. Com o aumento de costureiros/as fundou-se a Associação Comercial Bolívia-Brasil (BOLBRA, 2001) a fim de minimizar e resolver conflitos entre empregadores e empregados do ramo das confecções. Já em 2003, surgiu a Federação Única dos Residentes Bolivianos no Brasil (FURBRA), com o objetivo de superar as diferenças sociais e ideológicas entre os bolivianos.

Outra forma de acolhimento e atendimento ao imigrante é o Projeto Si Yo Puedo, que realiza suas ações aos domingos na Feira da Kantuta³². Este Projeto se originou da preocupação com a formação educacional dos jovens bolivianos, que abandonavam a escola, como relata a sua fundadora:

“Eu percebi que os imigrantes da segunda geração e até a terceira geração de bolivianos estavam abandonando o estudo muito cedo e reproduzindo a rotina dos pais, casavam cedo e mantinham oficinas, o máximo que eu vi de diferente nos últimos 5 ou 6 anos foi que jovens que dominavam o idioma saíram para as ruas para vender a produção. Agora em formação (estudo), não estava acontecendo nada” (V.Q.Y., 2013).

Ela compreendeu que muitos abandonavam a escola ao serem hostilizados pelos colegas por serem estrangeiros. Para os jovens em fase de formar vínculos, esta situação se apresenta insustentável, levando-os a abandonar as salas de aula. Assim, o intuito do Projeto é ajudar os jovens a se valorizarem e voltarem para a escola, “abrir a cabeça, discutir a visão de mundo, fazer com que os pais

²⁹ MONTANDON, Alain (org.). *O Livro da Hospitalidade: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Editora SENAC. SP, 2011.

³⁰ MONTANDON, Alain (org.). *O Livro da Hospitalidade...* Op. cit., p. 1273.

³¹ Também atuam nos presídios, através de visitas realizadas aos imigrantes detidos.

³² A Feira teve início em 2001 e acontece aos domingos na Rua Pedro Vicente no bairro do Pari, das 11 às 19 horas, com mais de 80 barracas voltadas para comunidade boliviana, oferecem comida típica, música, produtos típicos e festa folclórica. Fonte: SP Turis. [Acesso em: 15-10-2012]. Disponível em <<http://www.cidadedesao paulo.com/sp/br/o-que-visitar/187-feiras-de-artesanato-e-antiguidades>>. Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo. [Acesso em: 15-10-2012]. Disponível em <<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/turismo-capital-feirasdeartesanato.php>>.

acompanhem mais os filhos na trajetória escolar e na área da saúde” (V.Q.Y., 2013). O Projeto identifica vagas nas escolas e apoia na documentação necessária para regularização, também, informa sobre ofertas de trabalho. Hoje o projeto também é procurado pelos recém-chegados que se deparam com as exigências do mercado de trabalho.

“Assim o Projeto tomou o rumo de orientação profissional e vocacional e pela busca do emprego formal. Eu recebo muitas ofertas para trabalho, falam sobre casas separadas da oficina com piscina, bilhar, eu não ponho no mural se não for oferta de trabalho formal com carteira assinada” (V.Q.Y., 2013).

Dentre outras atividades desenvolvidas pelo Si Yo Puedo, tem as aulas de português, já que muitos têm dificuldades em conseguir emprego por não compreender o idioma. “Nós não somos assistencialistas, mas, tentamos encurtar os caminhos para o imigrante. Explico como é para entrar no ensino técnico, na universidade e direciono sonhos para que eles não se decepcionem mais” (V.Q.Y., 2013).

Identifica-se nas formas de apoio mencionadas (de instituições religiosas ou de apoio e de projetos) várias ações que procuram facilitar a inserção desses indivíduos na comunidade explicando ao imigrante seus direitos e deveres. Dentre as informações destacam-se os assuntos voltados a regularização de documentos, orientações para na de trabalho e acesso aos serviços públicos (educação e saúde) e, quando necessário, auxílio jurídico e psicológico.

As ações de caráter religioso se dedicam ao acolhimento, oferecendo aos necessitados alimentação e abrigo (no caso da Pastoral o imigrante pode ficar hospedado por três meses), até que o imigrante regularize sua situação migratória e consiga uma colocação.

Percebe-se a prática da dádiva e da hospitalidade, seja através dessas instituições, ou do auxílio dos imigrantes já estabelecidos que apoiam a inserção dos recém-chegados, mantendo um processo contínuo de dar, receber e retribuir³³. A dádiva pode ser considerada como um ato individual e livre, mas, também é um ato coletivo e engajado socialmente. De uma forma ou de outra, esses atos ligam pessoas, num ciclo da sociabilidade, que contempla “toda prestação de serviços ou de bens efetuada sem garantia de retribuição, com o intuito de criar, manter ou reconstituir o vínculo social”³⁴. Ressalta-se que todo ato de hospitalidade se inicia a partir de uma dádiva, e, é a partir desse ato que o processo de retribuição possibilita a constituição de vínculos e o estreitamento de relações.

Em diferentes momentos do cotidiano dos imigrantes identifica-se a tríade dar-receber-retribuir, no âmbito das festas religiosas, nas comemorações entre amigos e familiares e no apoio recebido das instituições.

³³ CAMARGO, Luis Octavio de Lima. *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph, 2004; GODBOUT, Jacques T. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Vargas, 1999; FERNANDEZ, Leandro R. G. *Hospitalidade e encontro: o relacionamento entre moradores e turistas de segunda residência em Praia Grande* [mestrado]. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2009, pp. 49-70.

³⁴ CAMARGO, Luis Octavio de Lima. *Hospitalidade...* Op. cit., p. 19.

“O projeto é minha válvula de escape, é o que me faz sentir útil para comunidade. Eu adoro trabalhar, não faço diferença nenhuma no atendimento as pessoas. O projeto me faz sentir que eu estou retribuindo tudo de bom que consegui em São Paulo, a escola estadual, a universidade. É uma forma de devolver para o Estado o que ele fez por mim e ajudar outros imigrantes a não serem uma vergonha e sim motivo de orgulho na mídia” (V.Q.Y., 2013).

Esse sentimento de reconhecimento da dívida recebida se faz presente no cotidiano do imigrante boliviano e pode ser retribuído a comunidade com o “prestério” ou apadrinhamento de uma festa boliviana, como foi expresso no relato da família que participa das novenas de Nossa Senhora de Copacabana recebendo a imagem e organizando a festa em sua residência ou em um salão. “Temos que agradecer as graças a Santa” (F.T., 2012). A conquista da ascensão econômica na sociedade de acolhimento pode até se concretizar, como neste caso, porém o reconhecimento social se torna mais difícil já que no Brasil todos são vistos como estrangeiros³⁵.

As estratégias traçadas por esses imigrantes visam romper com o anonimato, voltando-se para seus grupos e através da recriação de valores culturais, como é o caso dos prestérios³⁶ e das relações de apadrinhamento entre os compatriotas estabelecidas no âmbito religioso, do trabalho e da vida familiar.

Percebe-se que a prática de apadrinhamento enraizada no cotidiano dos bolivianos, sendo um costume trazido dos antepassados que se perpetua no contexto de imigração, criando situações de débito com aqueles que estão provendo o benefício momentâneo, mantendo o ciclo da tríade dar-receber- retribuir, mesmo que sua manutenção implique em sacrifício³⁷. “Nesse sentido, as sociedades andinas, têm pautado sua organização sobre o valor básico da reciprocidade, o qual fundamenta as relações econômicas, sociais e culturais”³⁸.

“As tradições se mantêm, mas as proporções são cada vez maiores. Semana passada teve uma festa no salão Golden House da Marginal que veio a Ivete Sangalo cantar. A festa é aberta, não tem muito controle. Era uma festa que finalizava a novena e oferecia a recepção dos convidados” (V.Q.Y., 2013).

³⁵ Cabe observar que o estrangeiro é considerado estranho, sem credibilidade, confiança, não possui vínculos que passem uma noção de segurança. (GRASSI, Marie Claire. Uma figura da ambiguidade e do estranho. In: MONTANDON, Alain (org.). *O Livro da Hospitalidade...* Op. cit.; BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004; ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

³⁶ Prestério: um festeiro que é escolhido para organizar uma festa, como forma de agradecer a uma santa ou um santo de sua devoção uma graça alcançada. Nesta festa o festeiro deve dispor de altos valores para retribuir a graça, oferecendo comida, bebida e música em abundância. SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos. A presença...* Op. cit., 2005, p. 36.

³⁷ Em outras palavras, a prática do apadrinhamento encontra respaldo na teoria da dívida iniciada por Marcel Mauss e aceita como um fato social total por ser observada em diversas sociedades e se perpetua na contemporaneidade.

³⁸ SILVA, Sidney Antonio da. *Virgem/Mãe/Terra: Festas e tradições bolivianas na metrópole*. São Paulo: HUCITEC; FAPESP, 2003, p. 168.

4. Deslocamentos: cultura e tradição

Várias agremiações de âmbito cultural podem ser encontradas em São Paulo. O Raza Índia foi o primeiro grupo fundado na cidade, em 1976. Eles interpretam músicas e danças tradicionais de várias regiões da Bolívia, utilizam instrumentos de sopro como a quena e a zampoña, de corda como o charango e para percussão o bombo³⁹. Um dos fundadores do grupo rememora o trabalho realizado para manter e divulgar a cultura boliviana.

“Todos os grupos nasceram praticamente do meu. Eu os conheço desde o começo, conheço os mais velhos, as pessoas que começaram a dançar e a cantar a música boliviana. Obviamente que os mais velhos já não dançam, mas continuam cuidando dos grupos. Conheço seus filhos, netos, é muito bom ir aos encontros e as pessoas te reconhecerem, te cumprimentarem. Às vezes me chamam e eu toco com eles. São muito importantes com eles a cultura não acaba. Estão sempre pesquisando para ensinar os mais jovens e dão continuidade ao trabalho que comecei. Fico feliz eu particularmente me orgulho de ser boliviano e de trazer o orgulho para o povo boliviano” (C.A.L., 2012).

A fim de divulgar a cultura da Bolívia outros grupos surgiram, dentre eles destacam-se o Kantuta, fundado em 1988, que prioriza em suas apresentações as danças tradicionais como a diablada, a morenada, tinkus, caporales e cueca⁴⁰. Já em 2003, nasceu o Sociedad Folklórica Boliviana, formado por dissidentes do Kantuta e do Raíces de Bolívia. A coordenadora e dançarina do Sociedad Folklórica rememorou seu primeiro contato com a dança e a música boliviana:

“Quando eu tinha 6 anos, meu pai me levou a comemoração feita no Memorial da América Latina pelo Dia da Independência da Bolívia, onde havia apresentações de grupos de música e dança folclórica. Foi nesse momento que iniciou o meu contato com a cultura, tradições e valores do meu pai, pois me encantei e comecei a dançar em um grupo de danças folclóricas e sigo até hoje dançando. No Sociedad Folklórica temos ensaios todos os sábados, onde atuo como coordenadora e dançarina. É uma responsabilidade muito grande aliada de uma paixão. Desde os 6 anos de idade, ininterruptamente, danço música folclórica boliviana e não penso em meu cotidiano sem essa atividade. Para mim, é mais do que dançar. É dignificar uma cultura que considero minha, valorizar e mostrar as

³⁹ Instrumentos musicais de sopro dos Andes (quena e zampoña), as flautas podem ser de cana, osso ou madeira; o bombo leguero é um bumbo de couro de ovelha ou guanaco o charango é um instrumento cordófono de 10 cordas ou mais feito com carapaça de tatu (chamado de "Quirquincho") ou de madeira.

⁴⁰ As danças tradicionais bolivianas contam um pouco da história do povo, do processo de colonização, do cotidiano, da mineração e do cortejo entre os namorados. Os Caporales, uma dança que se inspirou nos passos da Morenada, do tundiquis, do negritos e saya afro ambas satirizam o período colonial e a escravidão, representam os negros e o capataz no cotidiano das fazendas, no trabalho nas minas e na agricultura. A Cueca é dançada em pares e representa o cortejo entre os casais; já a Diablada é uma dança que representa a lenda de Huari um deus que representa a força do fogo e das montanhas e quis destruir os urus (um povo), mas uma divindade do bem ñusta o derrota e espanta o mal representado nas figuras de um sapo, um lagarto, uma víbora e formigas. A dança tem origem com os mineradores e expressa a rebeldia do povo andino em aceitar a imposição do catolicismo estabelecida pelos colonizadores. A constante luta entre o bem e o mal e os sete pecados capitais fazem parte da Diablada. Fonte: Revista Integración Nacional Virgen Maria Asuncion – Urkupiña 2011. Revista nº 2, ano 2, agosto de 2011. Difusion Nacional. Bolívia.

tradições de um povo, que apesar de ser financeiramente pobre, é rico de valores e que se preocupam em preservar tudo aquilo que foi cultivado e passado por seus ascendentes”⁴¹.

Outros grupos foram identificados como Fraternidade Folclórica Morenada Bolívia Central (2001) e o Unión Fanáticos (2002) ambos apresentam a dança da Morenada. Além de outros grupos voltados para animação musical (Santa Fé, Latin Band, Los Duques entre outros), instrumentais (Sensación) e uma gama de bares, restaurantes e danceterias espalhados pela cidade nos quais se pode ver e ouvir, também, saborear aspectos da cultura boliviana, refletindo a presença dos imigrantes bolivianos em certos territórios.

“Muitos jovens, como eu, tem contato com as tradições bolivianas devido a esses grupos, que também se preocupam em preservar e divulgar a cultura e por eles possuem orgulho de serem descendentes de bolivianos” (R.O., 2013).

Os filhos de imigrantes bolivianos comentam a relevância das agremiações em sua formação. Dizem conhecer vários grupos de dança e de participar ativamente nos últimos anos das atividades vinculadas a cultura boliviana. “Gosto não só da cultura, mas de participar dela, é muito legal. Continuar aprendendo é muito bom”⁴². Ressalta-se a valorização cultural e a preocupação com a preservação da cultura e da imagem positiva do imigrante.

“Ele me ensinou muito com relação a timidez e enfim a valorizar cada vez mais a cultura como patrimônio, como algo que você tem que preservar, passar boa impressão e também como algo que não pode ser esquecido tem que ser cultivado” (A.T., 2012).

No grupo Sociedad Folklórica para montagem de cada apresentação é realizada uma pesquisa o que possibilita o aprendizado das tradições. Os bailarinos não apenas repetem movimentos, mas, entendem todo o seu significado.

⁴¹ Depoimento de R. O. – bailarina e coordenadora coreógrafa do grupo Sociedad Folklórica Boliviana. Filha de pai boliviano e mãe brasileira. 21 anos estudante de física da USP. Entrevista cedida em maio de 2013.

⁴² Depoimento A.T. Jovem brasileiro, filho de bolivianos, ex-bailarino do Sociedad Folklórica Boliviana. Entrevista cedida em 08/11/2012.



Fig. 1: Bailarinos do Sociedad Floklórica Boliviana. **Fonte:** Arquivo Próprio. 23-09-2012. Auditório Bunkyo, São Paulo.

As vestimentas das apresentações são encomendas diretamente da Bolívia e buscam manter as características do país.

“Através das danças folclóricas, é possível perceber a “modernização” das tradições. A Bolívia é um país de um povo que valoriza muito sua cultura, seus valores e suas tradições, preservando-as até hoje. É incrível ver as mulheres do campo, chamadas de “cholas”, vestidas como a 100, 150 anos atrás. Mesmo com a globalização, a culinária, as vestimentas, as brincadeiras, as danças são semelhantes aos antepassados do povo boliviano e fazem parte do cotidiano” (R.O., 2013).

A prática associativa é identificada como uma prática de luta, resistência e união para os imigrantes, nos grupos, os participantes se reconhecem e se sentem integrados. Nas viagens realizadas para as apresentações, bailarinos e músicos recebem o reconhecimento de outros grupos, ampliando seu sentido de pertencimento a associação e seu comprometimento com a manutenção das tradições culturais, bem como, com a construção de uma imagem positiva dos bolivianos, desvinculada da gerada pela exploração da mão de obra na costura.

As associações também proporcionam diversão. Nos finais de semana e após o trabalho, os imigrantes se encontram para os ensaios dos grupos, também nas festas, apresentações teatrais e outras ações conjuntas, essas atividades modificaram trajetórias individuais e possibilitam maior pertencimento⁴³.

⁴³ Peça teatral: Caminos Invisibles... la Partida, apresentada no SESC Bom Retiro, em 07/08/2013. A obra retrata as histórias de imigrantes bolivianos em oficinas de costura de São Paulo, destaca o

Nos momentos de festa circulam práticas culturais de pazeños ou cochabambinos, que são identificadas como nacionais bolivianas e se convertem em estratégias de resistência contra os estigmas enraizados na sociedade de acolhimento. A imagem negativa que preocupa, incomoda e acompanha o boliviano seja na escola, no trabalho, pelas ruas ou nas ações de seu grupo, se rompe quando se observa a presença de não bolivianos como membros nos grupos de dança, possibilitando a aproximação entre culturas.

A bailarina, descendente de bolivianos, reconhece no grupo de dança suas origens e destaca a relevância desta atividade na manutenção de uma identidade boliviana em São Paulo.

“O grupo é (...) pra mim muito importante, é a minha herança. Todo mundo que eu tenho contato sabe o que eu faço, que eu danço. Então tudo o que eu tenho aprendido no grupo eu quero passar para os meus filhos. O grupo é a minha marca. Cada dança tem uma história, a gente apresenta no palco o fundamento, os passos, tudo tem um motivo. Eu quero passar pros meus filhos não só o conhecimento, mas a minha história, a minha origem” (J.L., 2012).

Na sociedade de acolhimento, os valores trazidos do país de origem se mesclam com novas práticas constituídas que contribuem para a formação de identidades híbridas, apesar de que nem todos os imigrantes se submetem a negociar seus costumes⁴⁴. Observam-se esforços que se redobram para que as tradições sejam mantidas e divulgadas, constituindo-se estratégias através da prática associativa e cultural.

Os depoimentos alinhavados ao longo deste artigo reafirmam a relevância do trabalho das associações, nestas os imigrantes se encontram, convivem, se auxiliam e se reconhecem identitariamente, recriando os vínculos na nova sociedade. As associações auxiliam na inserção destes sujeitos históricos num novo contexto, fornecendo alicerces na busca do sonho que moveu o deslocamento. Sentimentos emergem nessas trajetórias, como o acalento de ouvir o idioma de um conterrâneo num momento de dificuldades, ou a alegria que ressurge nos passos de dança das tradições culturais do país de origem.

5. Referências

ARROYO JIMÉNEZ, Marcelo (coord.). *La migración internacional: una opción frente a la pobreza. Impacto socioeconómico de las remesas en el área metropolitana de La Paz*. La Paz: PIEB, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BRAGA, Fernando Gomes. *Conexões Territoriais e redes migratórias: uma análise*

processo de saída de La Paz, as angústias e ilusões, a chegada à oficina, as adaptações e choques culturais e o sonho do retorno. Com atores bolivianos de várias idades, expressa a realidade vivenciada por muitos imigrantes, inclusive pelos atores.

⁴⁴ SILVA, Sidney Antonio da. *Costurando Sonhos...* Op. cit.

- dos novos padrões da migração interna e internacional no Brasil*. Belo Horizonte, MG: UFMG; Cedeplar, 2011.
- CAMARGO, Luis Octavio de Lima. *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph, 2004.
- CAMPOS, Geraldo Adriano Godoy de. *Entre devires e pertencimento: a produção da subjetividade entre imigrantes bolivianos em São Paulo* [mestrado]. São Paulo: PUC-SP, 2009.
- CELADE - Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía. *Pueblos indígenas y afrodescendientes de América Latina y el Caribe: información sociodemográfica para políticas y programas* [em linha]. Santiago de Chile, 2006. [Acesso em: 10-09-2011]. Disponível em <<http://www.eclac.org>>.
- COETRAE – Comissão Estadual para Erradicação do Trabalho Escravo [em linha]. [Acesso em: 17-04-2015]. Disponível em <<https://justica.sp.gov.br/index.php/coordenacoes-e-programas/nucleo-de-enfrentamento-ao-traffic-de-pessoas/comissao-estadual-para-erradicacao-do-trabalho-escravo/>>.
- CDI - Comitê para Democratização da Informática [em linha]. [Acesso em: 17-04-2015]. Disponível em <<https://cpdi.org.br/>>.
- CRAS – Centro de Referência de Assistência social. [em linha]. [Acesso em: 17-04-2015]. Disponível em <<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaobasica/cras>>.
- ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FERNANDEZ, Leandro R. G. *Hospitalidade e encontro: o relacionamento entre moradores e turistas de segunda residência em Praia Grande* [mestrado]. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2009.
- GODBOUT, Jacques T. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Vargas, 1999.
- Integración Nacional Virgen Maria Asuncion – Urkupiña 2011, n. 2, ano 2, Difusion Nacional. Bolívia, agosto de 2011.
- KLEIN, Herbert S. *Bolívia do Período pré-incaico à independência*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- LINERA GARCIA, Álvaro. *A Potência Plebeia: ação coletiva e identidades indígenas, operárias e populares na Bolívia*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MONTANDON, Alain (org.). *O Livro da Hospitalidade: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Editora SENAC. SP, 2011.

PAIAO, Letícia de Andrade Vilela Fonseca. *Mulheres Imigrantes: articulação política e desejo- um estudo psicanalítico em torno da imigração* [mestrado]. São Paulo: PUC-SP 2009.

São Paulo (Estado). Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo. *Feiras de Artesanato*. [em linha]. [Acesso em: 15-10-2012]. Disponível em <<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/turismo-capital-feirasdeartesanato.php15/10/12>>.

SILVA, Sidney Antonio da. *Bolivianos. A presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Lazuli, 2005.

SILVA, Sidney Antonio da. *Costurando Sonhos: Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos que trabalham no ramo da costura em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1997.

SILVA, Sidney Antonio da. *Virgem/Mãe/Terra: Festas e tradições bolivianas na metrópole*. São Paulo: HUCITEC; FAPESP, 2003.

SOUCHAUD, Sylvain. A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo. In: BAENINGER, Rosana (org.). *Imigração Boliviana no Brasil* Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo; Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

XAVIER, Iara Rolnik. *Projeto migratório e espaço: os migrantes bolivianos na região metropolitana de São Paulo* [mestrado]. Campinas, SP: Unicamp, 2010.